

710465

ALREM 0320137-48

REY Cui 233
SIST. 59243

Caruigi no diavolo

Outubro
14 de Agosto de 1948

LITERATURA REPRESENTATIVA

O assunto se presta a muitos comentários, cada vez sob um aspecto, e sempre que se fizer girar o dial dos pontos de vista aparece como uma história nova diante dos interesses de quem vira com displicência nas páginas dos jornais e das revistas. Por isso continua no cartaz. Trata-se de indicar os livros mais representativos no Brasil, coisa que possa se apresentar como caracteristicamente nossa aos olhos dos leitores estrangeiros, frutos amadurecidos do nosso espírito, que nos representem com fidelidade e força.

A lista já vai longe, os títulos se amontoam, os autores de ontem e de hoje aparecem nas colunas dos jornais através dos palpites dos comentadores e assim, na presença de todo esse material onde a riqueza de nossa inteligência se cristalizou, verificamos mais uma vez ^{que} possuímos uma literatura nacional em quantidade e qualidade suficientes para de seu seio extraírm_{os} aquelas obras marcantes que deverão nos representar lá fora.

Para os que vivem emparedados dentro da língua, e apenas pressentem a existência de uma literatura européia de atualidade captando vagos rumores através do noticiário cotidiano, sem dúvida o que possuímos em casa adquire um valor excepcional. Mas quem quer que se aproxime suficientemente das fontes originais do espíritos neste momento do mundo, e tome demorado contato com o que se produz por exemplo em Paris, não poderá mais encarar o que fazemos aqui em casa com os mesmos olhos de entusiasmo, de admiração calorosa ou de infinita benevolência. Necessariamente a comparação deve ser feita, porque em assuntos do espírito o mundo é um só, e cada vez mais tenderá a

se fazer único e sem fronteiras. Realmente, tratando-se de obras de sentido universal, não resistiremos à comparação. Somos tributários sob muitos aspectos dessa mesma força que hoje determina nas inteligências do Velho Mundo as produções literárias diante das quais nossa admiração estremece tocada pela verdadeira magia da inteligência em seu pleno e amadurecido exercício. E um paralelo com esse material de seleção que nossos livros deverão sofrer, toda vez que possuírem esse mesmo sentido de coisa universal. As listas das obras indicadas, pelos que escrevem comentários já estão longas e em sua maioria, os nomes apontados numas e noutras coincidem, o que indica até certo ponto a experiência de harmonia na escolha do material.

Fica-se pensando, diante da ilustre galeria, nos escritores europeus do mesmo clima. e sente-se o que há de irresistível no paralelo. Esses nossos cem livros representativos (ou serão apenas dez?...) o que parece mais acertado esses nossos livros, o bom senso está a dizer que devem ser escolhidos entre os de literatura típica nacional. Esses é que devem realmente nos representar lá fora, pois serão os únicos a despertar entre as curiosidades estrangeiras um momento de admiração diante do mundo ainda desconhecido que os mesmos devolvem à inteligência, erguendo-se da terra misteriosa e do homem ignorado que constituem esta região do mundo.

Um romance como *A Bagaceira* de José Américo ou talvez um *Jubiabá* de Jorge Amado, sem dúvida poderão surpreender a sensibilidade européia pela diferença, pelo estranho, pela secreta ou torrencial poesia que se desprende dessas vidas obscuras que formam o fundo do romance. Nossa literatura urbana e civilizada semelhante à européia, ficaria em situação um tanto incômoda diante do que existe nessa línguas já trabalhadas por tantos séculos de cultura, nessas vidas que já esgotaram toda a substância possível da inteligência civilizada e extremamente disciplinada. É o que ainda possuímos de primitivo e de

espontâneo que poderá tocar a sensibilidade do europeu. Nossos gestos na sombra de uma formação demorada, a hostilidade da paisagem, a misteriosa doçura e a ferocidade das paixões. A terra sem limites, o verde mar, o homem desconhecido. O que amanheceu com o nosso espírito e se encontrava no seu berço, não o reflexo desse mesmo mundo de avançada cultura e diante do qual, de longe, coloca o seu espelho nossa literatura urbana, com seus apartamentos, automóveis e arranha-céus.